

REENCONTROS

Lucas Matinada



realização

RESSONÂNCIA
PRETA

apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI
ALDIR
BLANC
CEARÁ

GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA MINISTÉRIO DO
TURISMO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Ilustrações: Anabel Lessa

EQUIPE:

Organização: Kinaya Black

Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa

Revisão do texto: Samuel Maciel

Ilustração: Anabel Lessa

Capa: Jason Felipe

REENCONTROS

Lucas Matinada

O ataque é esta noite e o trio está com tudo planejado. No entanto, Dharta está muito nervoso e ele tem bastante motivo para isso. Ele nunca havia imaginado ser o ator principal no resgate da sua mãe biológica. Por mais de vinte anos acreditou que ela estivesse morta, e não tinha a menor ideia de que ela foi uma das responsáveis pelo sucesso da revolução que resultou na emancipação de Palmares.

Enquanto anda de um lado pro outro, ele testa várias vezes as funcionalidades da sua prótese. "Tudo está funcionando normalmente", pensa em voz alta, mas como num sussurro. Ele analisa o braço biônico, uma mistura de arma pesada com um conjunto de ferramentas tecnológicas e pensa no quanto sua adolescência teria sido diferente com aquela inovação. Ele nunca teve dificuldades com as próteses que usou durante o crescimento, nem lembra do dia em que perdeu o braço no que, até recentemente, acreditava ter sido um acidente que havia matado seus pais.

Enquanto Luena dorme – ou medita, nunca dá pra saber –, Tereza olha disfarçadamente para Dharta enquanto ele vagueia pelo aposento. Ela sabe que ele está tenso. Por isso, se levanta, vai na direção dele e o abraça. Seu queixo apoia-se na cabeça de Dharta sem que ele precise se abaixar. Ela sabe também que não precisa falar nada para tranquilizá-lo pelo menos um pouco.

Neste exato momento, os agentes infiltrados estão assumindo seus postos estratégicos no prédio onde Talíria está sendo mantida refém. Foram anos de espionagem, troca de informações e suborno a fim de obterem informações sobre o paradeiro da revolucionária que liderou a linha de frente na "Guerra Libertadora", como chamam os cidadãos de Palmares.

Dharta acompanha a movimentação em tempo real por meio de telas holográficas provenientes de pontos de luz localizados nas costas de sua mão direita. Em menos de um minuto eles deixarão a escotilha onde estão escondidos

a dois dias. Esse local faz parte de uma antiga saída de emergência utilizada para fugas em caso de atentados ao prédio, que funcionava como sede do governo. Hoje, essas instalações, além de prisão, fazem parte de um imenso complexo de pesquisas químicas.

Tereza segue à frente, já é experiente em missões no campo e sabe de cor o caminho a seguir pelo túnel até chegar à escadaria circular por onde subirão e terão acesso ao antigo salão restrito. Ela leva seu rifle AK-47, antigo, mas supereficiente nas mãos dela, é quase uma arma de estimação. Luena fecha a fila empunhando sua poderosa arma, que é capaz de atirar projéteis a uma longa distância, mas que também atira raios laser e pode causar perturbação sonora em inimigos próximos. Dharta segue entre as duas e continua acompanhando a movimentação nos andares superiores.

Todo o plano foi desenhado para que eles não encontrem soldados inimigos na entrada. Eles sobem a escada sem muita dificuldade, mesmo que alguns degraus estejam bem danificados. No salão, Dharta aciona um laser que sai da ponta do dedo indicador para derreter a solda que fixou as duas portas – é a primeira vez que usa essa funcionalidade sem ser num treinamento, seus olhos brilham e seu sangue ferve. Antes de saírem do salão, Dharta confirma com um agente externo que os monitores referentes às câmeras por onde passarão já estão com as imagens congeladas. Estão livres para prosseguir.

Dharta abre a porta e, conforme o plano, o trio se separa. Luena é extremamente habilidosa na arte da furtividade e tem o ouvido muito apurado, sendo capaz de distinguir a respiração de Tereza enquanto andavam pelo túnel. Sua missão é desativar o sistema autônomo de defesa que aciona os robôs, drones e naves autossuficientes. Tereza e Dharta continuam em direção aos laboratórios do outro lado do prédio. É de lá que descerão novamente ao subsolo para chegarem à ala da prisão.

Atrás da primeira porta, o primeiro imprevisto. Um homem vestindo um jaleco está quase deitado em uma poltrona segurando um livro fechado sobre o peito.

– Esse cara não devia estar aqui! Sussurra Dharta, visivelmente abalado.

– Calma. Será que a porta vai fazer barulho quando a gente abrir?

Dharta emula na prótese a impressão digital que abre aquela porta. Eles ouvem um som de bipe do lado em que estão, aguardam alguns segundos e, vendo que o homem não se mexe, entram na biblioteca. Dharta olha para Tereza e, com os olhos, dá a entender que não sabe o que fazer. “Eu devia ter perguntado antes de entrar”, pensa. Tereza manda Dharta seguir em direção à outra entrada da biblioteca. Se o homem acordar, ela sabe o que deve fazer. Dharta chega ao outro lado e encontra a porta destravada, abre-a lentamente e fica esperando por Tereza. Ela analisa o homem por alguns segundos e sai caminhando lentamente e de costas para a saída, para o caso de o homem acordar de repente.

Depois da biblioteca, eles devem passar por um corredor de salas e escritórios. Eles conseguem ouvir sons vindos de dentro de algumas salas. Tereza atravessa o corredor pouco interessada em saber o que tem atrás de cada porta. Ela apenas torce para que nenhuma delas abra, pois um conflito a essa altura vai desandar o plano. Já Dharta, apesar da curiosidade e da vontade de ajudar caso alguém esteja precisando de ajuda, sabe que não pode perder o foco da missão. Qualquer desvio vai colocar em risco o resgate de sua mãe. Ele ainda não consegue disfarçar a tensão que sente. Quer ver se sua mãe ainda se parece com a mulher grávida da foto que recebeu de Tereza.

Ao fim do corredor, Dharta abre outra porta com uma digital criada com base no banco de dados que foi copiado do sistema de segurança do prédio. Novamente ficam apreensivos por causa do som de bipe feito pela porta, mas dessa vez não ficam esperando e atravessam rapidamente. Dharta dá uma olhada no que está acontecendo pelo complexo. Procura dentre as telas holográficas a imagem de Luena, mas não a encontra. Ele sabe, pela localização em tempo real, que ela está

parada perto do refeitório onde apenas os soldados fazem suas refeições. É um dos locais onde sempre tem movimento. E é lá que Luena deverá usar sua arma pela primeira vez na missão.

Atrás da próxima porta estão os laboratórios. Enquanto estavam na escotilha no subsolo, eles não esperavam encontrar ninguém nos laboratórios a essa altura da madrugada, mas após o encontro com o homem na biblioteca, precisam ser mais cautelosos e silenciosos, o que também é arriscado, visto que a missão não pode se prolongar muito. A retirada deles do prédio deve acontecer de uma forma totalmente oposta à entrada. Se agora são furtivos e silenciosos, a saída deverá ser apressada e em confronto. Qualquer tempo a mais pode comprometer o sucesso do resgate.

Dharta encosta a ponta do dedo no leitor biométrico e a porta se abre. Dentro da sala, a escuridão domina parte do ambiente. A única luz agora é a da antessala de onde vieram. Por meio dessa iluminação indireta, eles conseguem perceber que, ao contrário do que pensavam, não se tratam de laboratórios comuns, com instrumentos de medição, tubos de ensaio etc. São salas com paredes de vidro transparente, uma cama gradeada no centro do espaço e braços robóticos saindo de uma estrutura presa ao teto. Do lado de fora do vidro, uma bancada com três monitores desligados e, ao lado deles, um capacete neural com vários eletrodos e um par de luvas robóticas com entrada apenas para três dedos, o polegar, o indicador e o dedo médio.

– A gente precisa melhorar no detalhamento na hora de passar informações. Reclama Dharta enquanto fecha a porta.

– Xiiii...

– Sério! Que tipo de laboratório é esse? São salas de cirurgia. Por isso que nessa parte não tem câmeras.

– Cala a boca, D. Acho que tem gente aqui. Ouvi um ruído. Deve ter mais de dez salas como essa que a gente viu. Vamos procurar a saída bem devagar e sem fazer barulho.

De acordo com a planta do local, a saída fica na diagonal oposta da porta por onde entraram. De lá, eles devem atravessar um corredor que dá para o restaurante onde os pesquisadores e cientistas comem e, então, passar por outra saída desativada que vai levá-los ao subsolo onde ficam as celas. Antigamente, essa parte do prédio era usada por políticos do alto escalão e por empresários bilionários para fazerem suas festas regadas a bebidas, charutos e prostituição. Tudo pago com dinheiro público.

A dupla se dirige para a porta de saída, mas Tereza novamente ouve um ruído. Uma das salas está sendo utilizada, um dos monitores externos está ligado e mostra informações numéricas que ficam mudando em intervalos de segundos. Eles não conseguem enxergar se há alguém dentro da sala nem têm certeza se algum cientista esteve recentemente no local. O medo deles agora é que alguém entre para continuar o trabalho.

Dharta toca no ombro de Tereza e mostra para ela o botão de feixe de luz. Ele tem a opção de ligar desde uma lanterna potente com um canhão de luz que alcança centenas de metros a pequenos leds que piscam rapidamente contornando as superfícies onde é projetado. Tereza reluta, mas autoriza Dharta a usar o led apenas uma vez, “Se alguém vir essa luz, a gente vai morrer nesse prédio sem eu ter reencontrado minha irmã”, pensou.

Dharta aciona uma vez o led por 0,3 segundos, a luz atinge o vidro e reflete parcialmente a imagem da dupla. A parte da luz que atravessa refratada mostra um volume acima da cama.

– Acho que tem alguma coisa...

– Xiii... Tereza parou por alguns instantes. Joga de novo, só que um pouco mais lento.

Dharta configura o led para brilhar por 1 segundo e vem a confirmação. Tem uma pessoa deitada na cama da sala de cirurgia.

– A gente tem que tirar ela de lá. Disse Dharta.

– Não tem como. Se a gente fizer isso, pode dar adeus à missão, à sua mãe – Tereza sentiu que foi dura demais. A gente nem sabe se essa pessoa tá viva.

Enquanto discutiam, vozes começaram a soar vindas do corredor por onde eles devem sair. A dupla recua e tenta se valer da escuridão na tentativa de não serem vistos. Três cientistas entram na grande sala distraídos falando sobre futebol. Um deles digita uma senha no teclado virtual projetado na bancada e encosta o polegar na borda de um dos monitores. Eles se acendem, bem como as luzes dentro da sala de vidro. Um dos cientistas coloca o capacete neural e encaixa os dedos das duas mãos nas luvas. Os movimentos que ele faz com as mãos do lado de fora do vidro resultam em movimentos dos braços robóticos acima da cama. Quando o lençol é puxado por um dos braços e o rosto da paciente aparece, Tereza quase entrega a posição da dupla com um grito que ela segurou tampando a boca com as mãos. Dharta não entendeu inicialmente, mas a perplexidade e o silêncio de sua parceira fizeram com que ele chegasse à mesma conclusão. Aquela era sua mãe, Talíria, irmã de Tereza.

Dharta sente o sangue subindo à sua cabeça, pequenas luzes de led piscam rapidamente na sua prótese. Enquanto Tereza ainda lida com a surpresa, ele levanta e avança rápida e silenciosamente em direção aos cientistas, mas sem tempo para decidir qual o melhor golpe, lança uma rajada de laser nos homens, dividindo seus corpos em várias partes. O raio atinge o computador e os vidros fazendo soar o alarme de todo o prédio.

– Merda, Dharta. O que você fez?

– Eu salvei minha mãe, foi isso que eu fiz!

– Mas você condenou nós três, quatro com a Luena, à morte. Como a gente vai sair daqui?

Dharta não tinha resposta para isso. Ele não havia pensado em nada disso antes de despedaçar os cientistas. Agora tem uma mulher desacordada numa maca, alarme soando a uma altura atordoante e o plano de retirada não está em andamento. Mas isso pode ser resolvido.

– Z! Z, agora! – gritou Dharta no comunicador presente em sua prótese e virou-se para Tereza. Vamos seguir o plano, correr até onde der. Você leva minha mãe, e eu vou derrubando os soldados. Se for preciso, alcanço vocês depois.

– Mas, Dharta e a Luena?

– Ela deve ter ouvido minha mensagem, já sabe que a retirada vai começar. Vamos!

Eles tiram Talíria da cama e seguem pela mesma porta que os cientistas entraram. A essa altura os soldados da área da prisão já estão preparados para a ação. Dharta toma a frente, atravessa o corredor e chega à entrada da passagem que leva ao subsolo. Sem paciência para ativar biometricamente a porta, ele dispara um raio e destrói completamente a porta automática. Eles descem rapidamente, mas no sentido oposto os soldados sobem em comboio. Dharta diz para Tereza esperar e que atente à retaguarda. Ele desce na frente e pouco tempo depois ouve-se gritos, disparos de armas de fogo e uma explosão. Gritando, Dharta pede a Tereza que desça. Eles entram na área da prisão cuidadosamente, pois certamente alguns soldados ficaram na contenção. A expectativa foi atendida, mas não eram soldados comuns, e sim animais robôs, principalmente cachorros robôs equipados com armas de fogo. Dharta hesita e acaba atacado por um deles, depois outro e outro. Tereza, mesmo carregando a irmã desacordada no ombro, descarrega sua AK-47 nas máquinas. As celas são hermeticamente fechadas e não há nem janelas, logo não é possível ver quem são os prisioneiros. Dharta, mesmo contrariado, decide continuar a fuga e desiste de libertar os demais presos.

O alarme continua soando, mas na área da prisão não parece haver movimento. A dupla segue em direção à saída, que será num prédio anexo ao

principal. Outro túnel liga a prisão ao prédio vizinho. Enquanto atravessam, Dharta tenta se comunicar com a equipe de retirada.

– Z. Andamento!

– 95%, D.

A mensagem indica que a etapa final está 95% concluída. Quando chegarem ao outro lado, o planador supersônico deve estar a postos. O problema é que o inimigo também possui naves de combate de alta velocidade.

Dharta chega à porta de acesso ao prédio, insere o dedo no leitor, mas nada acontece. “O sistema de defesa deve ter sido reiniciado”, pensou. Sem tempo para pensar numa solução elaborada, ele pede para que Tereza recue, retira um cilindro de dentro da prótese, posiciona-o próximo à porta, afasta-se e detona o explosivo. A porta foi danificada, mas não totalmente destruída. Ele repete o processo e consegue liberar a passagem. Esses explosivos possuem uma tecnologia que cria um vácuo em volta da explosão impedindo que o som se propague. A dupla ainda precisa subir para o terraço do prédio, pois é lá que eles embarcarão na nave. Eles chegam ao salão principal e Dharta percebe que alguns soldados estão fazendo buscas no andar. Ele recua, senta-se, e, pela primeira vez, repousa os olhos sobre sua mãe. Lágrimas começam a escorrer em seu rosto. Talíria ainda está sob efeito de anestésicos, mas seus sinais vitais podem ser sentidos.

– Como a gente vai sair daqui, tia? Essa foi a primeira vez que Dharta chamou Tereza assim.

– Não sei, filho, mas precisamos pensar. Será que a Luena já conseguiu desativar a defesa?

– Acho que não. Se ela conseguiu, foi temporário, pois a porta estava travada e não reconheceu a digital. O sistema deve ter sido reiniciado.

– Onde ela tá agora?

– Vou olhar aqui. Ela tá... ela tá em cima da gente!

Surpreso, Dharta aciona o comunicador.

– Luena, como chegou aí? Estamos no andar de baixo.

O que eles não sabem é que ela já estava há bastante tempo no mesmo local, acuada pela presença dos soldados no andar. No comunicador de Dharta chega uma mensagem informando que a retirada está pronta e que só estão aguardando o sinal para se posicionarem no local combinado. Dharta está sem ideia. "Será que algum desses soldados é um agente nosso infiltrado? Como posso descobrir isso?", pensa Dharta.

De repente, irrompe um som de hélices de helicóptero, um som não muito comum nos dias de hoje. Em seguida, começa um tiroteio no andar de cima. Uma milícia paramilitar de oposição ao governo local chegou para auxiliar no resgate de Talíria. Eles devem ter sido acionados pelo Serviço de Inteligência de Palmares e provavelmente receberam algo muito valioso em troca.

Tereza se protege e protege a irmã. Dharta aproveita a correria dos soldados para, de longe, neutralizar alguns deles. Poucos segundos depois, Luena aparece do outro lado do salão. Ela acena para Tereza, chamando-a para outro lado. Dharta faz a cobertura para que as duas possam atravessar. No mesmo momento ele sinaliza para a equipe que a retirada pode ser efetuada. Enquanto Luena guia Tereza até o terraço, esgueirando-se pelos cantos da parede, Dharta percebe que os aliados recém-chegados estão sendo devastados, seu helicóptero já foi derrubado e há muitos corpos deles no chão. Seguindo seu coração, ele parte pro ataque aos soldados inimigos. Consegue matar vários deles e, conseqüentemente, salvar a vida de vários insurgentes.

No meio do tiroteio, tentando se proteger, Dharta avista um soldado inimigo com o rosto familiar. Enquanto o soldado atira nos invasores, Dharta fica hipnotizado com a semelhança do soldado com ele mesmo. De repente um tiro atinge esse soldado, que cai morto no chão. Dharta acorda de seu transe e decide abandonar o confronto e correr para o terraço. Durante a corrida, ao entrar numa porta, ele bate de frente com um inimigo. Os dois se agarram numa luta corporal,

e, quando Dharta se dá por si, lhe parece que está lutando contra o espelho, porque este soldado também tem o rosto idêntico ao seu. Distraído, Dharta é atingido pelo cano da arma na cabeça e cai meio grogue no chão.

Luená, após deixar Tereza dentro da aeronave com Talíria, volta e vê Dharta sendo arrastado por um grupo de soldados. Ela sabe que não tem mais nada que possa fazer. Volta para a aeronave, explica à Tereza a situação, e elas partem. O resgate de Talíria foi bem-sucedido, mas a perda de Dharta já está sendo sentida por Tereza. Resta pensar como vão contar essa história para Talíria quando ela recobrar a consciência.

Dharta sabe que está sendo levado como refém pelos soldados brasileiros. Ele consegue identificar mais dois deles com feições iguais às suas. Em choque, não consegue raciocinar direito e acredita que a pancada na cabeça está causando essa confusão. Uma rajada de metralhadora é disparada na direção de Dharta. Ele cai no chão e vê vários soldados inimigos caindo. Os que não morrem de imediato, Dharta completa o serviço. Um homem aproxima-se e limpa os ferimentos de Dharta com um pano molhado. Ele é negro, barbudo e tem o rosto amigável, apesar da pele aparentemente castigada pelo sol e pelo tempo. Ele olha para Dharta e diz:

– Não imaginei que te veria novamente. Estou muito orgulhoso do que você fez aqui hoje. Agora precisamos sair daqui, porque eu também quero voltar para casa e reunir nossa família.